



Seu País

Sem cheque em branco

CRISE As centrais sindicais pressionam o governo para rever a política econômica

POR RODRIGO MARTINS

AS PREVISÕES para a economia em 2016 são desalentadoras. O *Boletim Focus*, divulgado pelo Banco Central na segunda-feira 4, prevê uma retração de 2,95% no PIB e projeta uma inflação de 6,87%, pelo índice oficial do IPCA. A taxa de desemprego deve chegar à casa dos dois dígitos ainda no primeiro trimestre, apostam diferentes analistas. Diante da onda de pessimismo, Dilma Rousseff deve lançar em breve um novo Programa de Aceleração do Crescimento, com investimentos destinados a reavivar o setor de construção, alvejado tanto pela crise financeira quanto pelos desdobramentos da Operação Lava Jato (*leia a respeito na seção Economia*). São crescentes, porém, as pressões por uma “guinada à esquerda” na política econômica, ainda que a presidenta e seu novo ministro da Fazenda, Nelson Barbosa, tenham reafirmado o compromisso com o aperto fiscal e o controle da inflação.

Em sua primeira entrevista do ano, Dilma jogou um balde d’água nos opositores da austeridade. “Temos como questão principal o ajuste fiscal. Vamos garantir o superávit de 0,5% do PIB. Com isso, criaremos as condições para que a inflação se equilibre”, afirmou na quinta-feira 7, além de defender

a elevação da idade mínima para a aposentadoria, proposta duramente criticada pelo PT e pelo movimento sindical. As declarações estão em sintonia com o discurso de Barbosa no fim de dezembro, quando o ministro assumiu o compromisso de manter o controle das despesas públicas e encampar as reformas trabalhista e previdenciária, durante uma teleconferência com investidores.

Os constantes acenos para o mercado financeiro inspiram forte desconfiança das principais centrais sindicais do País, que tiveram papel decisivo na mobilização dos protestos de 16 de dezembro, em defesa do mandato de Dilma. “O governo tem de escolher um lado. Não dá para acender uma vela para Deus e outra para o Diabo”, afirma Vagner Freitas, presidente da CUT, ligada ao PT. “O mercado deixou claro que deseja o *impeachment* de Dilma. Se continuar dando tanta importância às agências de classificação de risco ou aos analistas do mercado, ela corre o risco de perder o apoio dos trabalhadores e tornar-se presa fácil dos golpistas.”

Encomendada pela CUT, uma recente pesquisa do Vox Brasil demonstra ampla rejeição dos trabalhadores à política de austeridade do governo. O instituto consultou, entre os dias 11 e 14 de dezembro,





TAMBÉM
NESTA
SEÇÃO



pág. 26

A saúde na UTI.
Sem recursos,
o SUS agoniza



2 mil cidadãos com mais de 16 anos, nas áreas urbanas e rurais de 153 municípios brasileiros. Resultado: 88% são contra mudanças nas regras da Previdência para dificultar acesso à aposentadoria; 75% manifestaram oposição aos cortes em programas sociais; 65% defendem o aumento da oferta de crédito para fortalecer o mercado consumidor; e 82% são favoráveis à redução de impostos que incidem sobre os salários.

Presidente da UGT, Ricardo Patah defende a retomada dos investimentos estatais e a redução da taxa de juros. Ele reconhece a necessidade de equilibrar as contas públicas, mas rejeita propostas que acenem para redução dos direitos dos empregados ou aposentados. “Já pagamos muito caro o ano de 2015. Agora é o momento de buscar opções que não recaiam sobre as costas do trabalhador”,



Pelo fim da austeridade.

Patah, da UGT, Torres, da Força Sindical, e Freitas, da CUT, unem forças

opina. “Sou contra o *impeachment*, mas o governo precisa fazer sua lição de casa. Se o Brasil não conseguir voltar a crescer, com medidas para preservar o emprego e as conquistas sociais, o cenário será bastante tormentoso.”

Em meados de dezembro, durante o Fórum Nacional do Trabalho, as centrais CUT, Força Sindical, UGT, CTB, NCST, CSB e CNPL apresentaram ao governo federal o “Compromisso pelo Desenvolvimento”, um manifesto para a retomada do crescimento nacional, elaborado em parceria com 19 entidades empresariais, entre elas a Confederação Nacional da Indústria, a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) e a Associação Brasileira da Indústria de

Máquinas e Equipamentos (Abimaq). A proposta, dividida em sete eixos, pede a retomada dos incentivos para o setor produtivo, dos investimentos públicos em obras de infraestrutura e a adoção de políticas para fortalecimento do mercado doméstico, entre outras iniciativas.

A única reivindicação contemplada até o momento foi a mudança nas regras de acordos de leniência, de forma a evitar a falência das empreiteiras envolvidas no esquema de corrupção da Petrobras, sem prejuízo à responsabilização dos executivos responsáveis pelos crimes (*leia mais à pág. 32*). A MP 703, editada no fim de 2015, foi apresentada pelo governo dias após a divulgação do

Se Dilma perder o apoio dos trabalhadores, quem sairá em defesa de seu mandato?



Seu País

manifesto das centrais sindicais.

“Há um consenso de que o equilíbrio fiscal deve ser buscado em um ambiente de crescimento econômico, até porque cortar gastos e investimentos em plena recessão reduz a demanda, implica aumento de impostos e gera mais recessão. Pior: é inócuo, pois a arrecadação federal despenca e o governo não consegue cumprir sua meta de superávit”, explica Clemente Ganz Lúcio, diretor-técnico do Dieese e um dos principais articuladores do manifesto. “O maior desafio é encontrar as fontes de financiamento para sustentar a retomada dos investimentos estatais.”

A despeito da aliança do deputado Paulo Pereira, o Paulinho da Força, com a oposição e o presidente da Câmara, Eduardo Cunha, parcela expressiva dos militantes da central aderiram aos atos pró-Dilma no fim do ano. A Força Sindical mantém neutralidade em relação ao processo de *impeachment*, mas Miguel Torres, presidente da entidade, não deixa de demonstrar preocupação com o que poderia ocorrer na eventual queda de Dilma Rousseff. “O cenário está ruim, mas pode ficar muito pior. No fim de 2015, o PMDB apresentou um documento com propostas para a nação que representam duros ataques à legislação trabalhista.”

Num primeiro momento, a mudança no Ministério da Fazenda, com a saída de Joaquim Levy e a entrada de Barbosa,

A Força não abraça Paulinho em sua sanha pró-impeachment

empolgou. A lua de mel durou, porém, poucos dias. “Barbosa tem um perfil mais negociador, é um desenvolvimentista, mais sensível à preservação do emprego. Causou enorme decepção vê-lo defender a continuidade desse ajuste fiscal, que retirou direitos dos trabalhadores, mas não incomodou o andar de cima”, diz Torres. “Não houve, por exemplo, qualquer proposta do Executivo para taxar as grandes fortunas.”

OPT também pressiona o governo para rever sua política econômica. O presidente nacional do partido, Rui Falcão, cobrou



Mau presságio.

O desemprego deve chegar à casa dos dois dígitos no 1º trimestre de 2016

mais ousadia na busca por soluções para a crise em uma mensagem de fim de ano. De acordo com o texto, Dilma “precisa se concentrar na construção de uma pauta econômica que devolva à população a confiança perdida após a frustração de seus primeiros atos”.

Em recente entrevista à *Folha de S.Paulo*, o ministro da Casa Civil, Jaques Wagner, reconheceu ser preciso modular o ajuste fiscal “com medidas que apontem para o crescimento”, mas gerou enorme constrangimento ao declarar que o “PT se lambuzou no poder”, aprofundando as rugas entre o Planalto e o partido. Coube a Lula a tarefa de atuar como bombeiro, durante um encontro com Dilma em Brasília.

Não há, contudo, sinais de que o desentendimento esteja superado. Na quarta-feira 6, Wagner enfatizou que o governo não prepara grandes mudanças nos rumos da economia brasileira. “Parece que as pessoas estão esperando a grande notícia, o coelho da cartola, mas não tem coelho na cartola.” No dia seguinte, foi a vez de a presidenta negar a suposta “guinada à esquerda” na política econômica. “Acho muito bom que o PT tenha suas posições. Agora, o governo não responde só ao PT, só ao PMDB e só a qualquer um dos partidos da base aliada. Responde a todos eles, mas também às necessidades da sociedade.”